



## EDUCAÇÃO ESTÉTICA E SENSIBILIDADE PEDAGÓGICA: ENTRELAÇAMENTOS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Eixo 02 - Educação, Comunicação: fundamentos e teorias

Rozevania Valadares de Meneses CÉSAR<sup>1</sup>  
Sandra Virginia Correia de Andrade SANTOS<sup>2</sup>  
Marilene Batista da Cruz NASCIMENTO<sup>3</sup>  
Márcia Alves de Carvalho MACHADO<sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo resulta de reflexões sobre a articulação entre educação estética e sensibilidade pedagógica na formação docente. Parte-se da compreensão de que a educação estética na formação docente, ao mobilizar o corpo, a percepção e a imaginação, potencializa processos de autoconhecimento e reflexão crítica, favorecendo o desenvolvimento de uma sensibilidade pedagógica refinada. Essa sensibilidade é entendida como a capacidade do/da educador/a de reconhecer e avaliar, de forma consciente, suas emoções, crenças e valores, atribuindo sentido à própria prática docente. Com base em uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, este estudo discute de que maneira a educação estética contribui para a constituição de práticas pedagógicas reflexivas, éticas e humanizadoras. Os achados indicam que a estética na formação de professoras/es da educação básica não deve ser um complemento, mas uma dimensão, capaz de potencializar o olhar da docência para além da técnica e do conteúdo. Ao valorizar a sensibilidade e as experiências no processo formativo, contribui-se para a construção de uma educação inclusiva, afetiva e atenta às realidades plurais das/os estudantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação estética; formação docente; sensibilidade pedagógica.

### ABSTRACT

This article is the result of reflections on the relationship between aesthetic education and pedagogical sensitivity in teacher training. It is grounded in the understanding that aesthetic education, by engaging the body, the perception and the imagination, enhances processes of self-knowledge and critical reflection, thereby fostering the development of a refined pedagogical sensitivity. This sensitivity is understood as the educator's capacity to consciously recognize and assess their emotions, beliefs and values, attributing meaning to their own teaching practice. Based on a qualitative bibliographic research approach, this study discusses how aesthetic education

<sup>1</sup>Universidade Federal de Sergipe-UFS; Grupo de Estudos em Educação Superior-GEES; e-mail: rozevaniavcesar@hotmail.com.

<sup>2</sup> Secretaria de Estado da Educação de Sergipe-SEED/SE; Doutora em Educação; Grupo de Estudos em Educação Superior-GEES; Grupo de Pesquisa Educação e Culturas Digitais-Ecult; Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Tecnologia-NUCA; e-mail: sanlitera@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Educação de Itabaiana-DEDI e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe-PPGED; Tutora do Programa PET Educação-FNDE/MEC; Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. Líder do Grupo de Estudos em Educação Superior-GEES e membro do Grupo de Pesquisa Educação e Culturas Digitais-Ecult; e-mail: nascimento@lencine@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Universidade Tiradentes-UNIT; Doutora em Educação-Unit; Grupo de Estudos em Educação Superior-GEES; Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação- GEPED; e-mail: marcia.machado@souunit.com.br.



contributes to the formation of reflective, ethical and humanizing pedagogical practices. The findings indicate that aesthetics in the education of primary and secondary school teachers should not be viewed as a supplementary element, but rather as a foundational dimension capable of broadening the pedagogical gaze beyond technique and content. By valuing sensitivity and lived experiences within the educational process, aesthetic education contributes to the construction of an inclusive, affective, and attentive education that is responsive to the diverse realities of students.

**KEYWORDS:** aesthetic education; teacher training; pedagogical sensitivity.

## 1 Introdução

A educação estética, cuja a origem no termo grego *aisthesis* e significa “sentir”, mostra-se necessária na formação de professoras/es por permitir vivenciar experiências que despertam os sentidos e as percepções. Essa perspectiva contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, entendida como dimensão essencial de uma prática pedagógica comprometida com o humano. Ao se aproximar do mundo sensível, a/o docente é convidada/o a reconhecer e refletir sobre suas emoções e valores, fortalecendo sua presença em sala de aula. Esse movimento favorece a construção de uma atuação consciente, afetiva e atenta às relações cotidianas, pois possibilita a escuta, desperta a empatia e fortalece o olhar crítico diante das experiências vividas, elementos indispensáveis à constituição de uma pedagogia ética, dialógica e transformadora.

O termo “estética” é por vezes associado a processos de embelezamento e a obras de arte, mas é necessário compreender que esse conceito vai além da beleza e das expressões artísticas. A estética, enquanto experiência sensível envolve a capacidade de perceber, sentir e atribuir significados às vivências humanas. Por isso, torna-se importante que as/os professoras/es agucem sua sensibilidade estética, permitindo-lhes perceber nuances e sutilezas nas experiências do cotidiano e nas relações interpessoais. Essa sensibilidade potencializa a capacidade de apreciar a beleza em diferentes contextos, mas também torna as/os educadoras/es receptivas/os às emoções, aos gestos e às expressões das/os alunas/os. O desenvolvimento dessa percepção estabelece ambientes de aprendizagem que valorizem a diversidade, estimulem o acolhimento e adotem práticas pedagógicas diferenciadas.

No cenário atual, a formação docente no Brasil permanece guiada por um modelo hegemônico, de caráter técnico e conteudista, centrado na lógica da transmissão e aplicação de conteúdos, hoje travestidos de objetos do conhecimento. Essa perspectiva é reforçada por políticas como a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica



(BNC-Formação Continuada)<sup>5</sup>, que orienta e vincula a formação em serviço com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>6</sup>. Tal direcionamento reduz o trabalho docente, enfraquecendo dimensões fundamentais como a sensibilidade pedagógica, a reflexão crítica e o compromisso ético. A educação estética desponta como uma alternativa de resistência e reinvenção, ao vivenciar na formação experiências sensíveis que mobilizam a percepção, a escuta, a imaginação e o diálogo. Assim, torna-se possível romper com a lógica formativa padronizada e construir percursos plurais que acolham as singularidades das/os sujeitas/os e enfrentem os desafios da prática pedagógica.

Diante do exposto, este artigo se propõe a discutir como a educação estética contribui para o desenvolvimento da sensibilidade pedagógica na formação de professoras/es da educação básica. Para investigar os entrelaçamentos entre essas duas dimensões – estética e sensível, partimos do entendimento de que a educação estética, ao mobilizar o corpo, a percepção e a imaginação, potencializa processos de reflexão crítica e de autoconhecimento. Tais processos resultam no despertar da sensibilidade pedagógica, compreendida aqui como a habilidade da/do educador/a de avaliar suas próprias práticas e emoções, reconhecendo de forma consciente as crenças e os valores que orientam sua atuação docente. Essa sensibilidade favorece uma postura ética, dialógica e responsiva diante das singularidades das/os sujeitas/os e dos contextos educativos. Além disso, a reflexão crítica permite à/ao docente identificar áreas necessárias para o desenvolvimento pessoal e profissional, enquanto a gestão emocional ajuda a lidar com os desafios, as tensões e as imprevisibilidades do ambiente escolar.

Diante das transformações que atravessam a sociedade contemporânea, marcada pela aceleração do tempo, pela hiperestimulação e pela lógica da produtividade, tem-se perdido a consciência de que também é necessário parar, ouvir, sentir e perceber o que nos cerca. No campo da educação, essa pressa se reflete em práticas pedagógicas cada vez mais automatizadas e distanciadas da escuta sensível. Uma educação alicerçada na sensibilidade e na valorização das expressões artísticas e culturais contribui para o desenvolvimento, por parte das/os docentes, de uma postura empática e aberta ao encontro com o outro nas interações pedagógicas.

---

<sup>5</sup> Instituída pela Resolução CNE/CP nº 1/2020 e disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=164841-rcp001-20&category\\_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=164841-rcp001-20&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em 16 jul 2025.

<sup>6</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017 (Educação Infantil e Ensino Fundamental) e 2018 (Ensino Médio), é um documento normativo que define as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica, com foco em competências e habilidades.



Essa discussão tem como base metodológica a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, que permite interpretar e compreender fenômenos humanos em suas singularidades, levando em conta aspectos subjetivos, culturais, históricos e sociais, além da unidade teoria e empiria (Macedo, 2009). Tal abordagem permite uma análise que propicia inferências acerca de elementos significativos para reflexões e práticas.

Este artigo está estruturado em cinco seções. Na primeira seção, a introdução, contextualizamos a relevância da educação estética na formação docente, o problema de pesquisa, o objetivo do estudo e a abordagem metodológica adotada. Na segunda, discutimos a sensibilidade como dimensão formativa relevante, evidenciando a educação estética na constituição de uma docência sensível, ética e humanizada. Em seguida, na terceira seção, apresentamos reflexões sobre a formação docente ancorada na perspectiva estética, a fim de ilustrar como tais vivências contribuem para o fortalecimento da escuta, do autoconhecimento e da presença sensível no cotidiano escolar. Por fim, nas considerações finais, retomamos os principais pontos abordados e reafirmamos o potencial da educação estética como caminho para a ressignificação da formação de professoras/es da educação básica.

## **2 A sensibilidade como dimensão formativa da docência**

A sensibilidade, enquanto dimensão formativa, é mobilizada por meio de experiências estéticas que envolvem o corpo, a percepção e a emoção. A educação estética não se limita aos objetos do ambiente externo; ela é vivenciada a partir do senso estético do indivíduo, constituindo-se como parte da sensibilidade cognitiva. Imagens, sons, texturas e formas comunicam-se com o observador de maneira afetiva e pode, inclusive, aflorar experiências de prazer ou desprazer durante esse processo.

Essa interação entre sujeita/o e mundo sensível revela a importância do envolvimento ativo da/o observadora/or. Ao entrar em contato com elementos estéticos, a/o educadora/or não permanece em uma postura passiva, mas participa da construção dos sentidos e das emoções emergidas das experiências. Com essa dinâmica, potencializa-se o senso estético como campo de reflexão e autoconhecimento, pois cada sujeita/o mobiliza vivências, referências e contextos para interpretar o que se percebe.



Quando inseridas intencionalmente nos processos formativos, as experiências favorecem a consciência de si e do outro, contribuindo para a constituição de uma sensibilidade pedagógica atenta às relações, aos afetos e à complexidade do cotidiano escolar. Trata-se, portanto, de uma dimensão que não pode ser dissociada da prática pedagógica, especialmente quando se busca uma formação comprometida com o humano em sua inteireza (Freire, 2001).

Perissé (2014) destaca que a educação estética se direciona para a realidade em sua totalidade, indo além do belo ou em tudo que de alguma forma expressa beleza, harmonia, impacto ou grandeza, como obras de arte, elementos da natureza, o corpo humano entre outras situações. Esse processo é realizado de maneira reflexiva e filosófica e, além disso, permite a elaboração das experiências sensoriais, especialmente da visão e da audição, que nos proporcionam prazer. A prática estética, ao ser reflexiva e filosófica, permite vivenciar experiências sensoriais. Essa reflexão elabora nossas percepções e a entender como a visão e a audição não são só canais de recepção, mas também meios de comunicação que nos conectam com o mundo. Perissé (2014, p. 54) afirma ainda que

[um] professor esteticamente mais bem formado cultivará (eis um pressuposto somado à esperança) um comportamento especial no cotidiano escolar, porque olhará de modo especial os seus alunos, verá neles artistas em potencial, respeitando essa possibilidade, acreditando nela como realidade alcançável.

A valorização da dimensão artística das/os discentes por parte do docente implica no reconhecimento de potenciais subestimados, os quais podem mobilizar a construção da autoestima e da identidade das/os alunas/os. Ao considerá-las/os como artista em potencial, é possível desenvolver um ambiente que estimule a expressão individual e a criatividade. O potencial estudantil constitui um elemento sensível, pois transcende a transmissão de conteúdos, contribuindo para a formação e a autonomia das/os de cidadãos/aos.

Segundo Freire (2003), a/o professora/or pode mobilizar as/os estudantes a perceberem que, mesmo diante de dificuldades, há oportunidades de prazer e satisfação. A compreensão das próprias emoções pela/o docente possibilita uma melhor percepção das necessidades das/os alunas/os, o que resulta em um ambiente pedagógico acolhedor. Essa sensibilidade emocional é importante para reconhecer que podem coexistir momentos de alegria e realização.

Assim, a sensibilidade é uma das dimensões fundamentais presentes na concepção de educação defendida por Freire (1992), especialmente ao se contrapor à lógica da educação bancária.



Aprender e ensinar não são atos mecânicos de transmissão e recepção de conteúdos, mas fazem parte de um processo: o de conhecer, que também engloba o reconhecer. Nesse sentido, a/o estudante se torna, de fato, uma/um educanda/o à medida que descobre, ressignifica e internaliza os conteúdos em diálogo com sua realidade, diferentemente do que ocorre em práticas que impõem informações de forma autoritária e descontextualizada. Assim, entendemos que o verdadeiro sentido do processo educativo reside no ato de (re)conhecer, ou seja, (re)conhecer criticamente a si, ao outro e ao mundo, o que implica sensibilidade para escutar, dialogar e buscar, de forma ética, o sentido da existência, em um movimento contínuo de tomada de consciência que rompe com a passividade e permite que o sujeito se perceba como parte ativa da transformação da realidade (Freire, 2001).

A experiência estética, por meio de práticas artísticas como teatro, música e artes visuais, torna-se um meio para que as/os docentes compreendam suas emoções e as dos outros. Schiller (2002) indica três formas de interação entre sentimento e razão – sensível, formal e lúdico ou estético, destacando o lúdico por seu potencial de transformação. A educação estética, que estimula essa ludicidade, associa estética à ideia de “beleza” como um jogo, uma experiência que envolve imersão e experiência, expressando tanto o estado sensível quanto a habilidade de perceber e entender o mundo ao redor.

O ato de (re)conhecer não se limita ao mundo exterior, mas também se estende ao/à próprio/a educador/a, em um movimento de autocompreensão contínua, ou seja, no (re)conhecimento de suas próprias emoções, valores e limitações, fundamentais para o desenvolvimento de uma prática pedagógica sensível e ética. A docência é tão carregada de desafios e imprevisibilidades que o/a professora/or se esquece de si, perdendo a capacidade de se vê enquanto sujeita/o de histórias.

Quando as/os educadoras/es desenvolvem essas habilidades conseguem gerir suas reações diante de situações desafiadoras, ao mesmo tempo em que se abrem ao diálogo, conectando-se com suas/es alunas/os de maneira empática e sensível. Essa consciência de si não só favorece a mediação pedagógica, mas também contribui para a criação de um ambiente de aprendizagem humano, no qual a/o professora/or pode se apresentar como modelo de vulnerabilidade, mas também de resiliência e escuta ativa enquanto dimensões essenciais para a construção de vínculos significativos no cotidiano escolar. Nunes (2018, p. 3) aponta que



[a] empatia envolve em termos gerais três componentes: afetivo, cognitivo e reguladores de emoções. O componente afetivo baseia-se na partilha e na compreensão de estados emocionais de outros. O componente cognitivo refere-se à capacidade de deliberar sobre os estados mentais de outras pessoas. A regulação das emoções lida com o grau das respostas empáticas.

O componente afetivo viabiliza a troca e a compreensão das emoções entre docentes e discentes, fortalecendo um ambiente de acolhimento e confiança. O componente cognitivo, por sua vez, permite aos profissionais da educação interpretar os estados mentais das/os estudantes, mediando uma abordagem pedagógica individualizada e sensível às especificidades de cada sujeita/o.

Essa empatia e sensibilidade pedagógica podem ser percebidas em situações em que a/o docente infere, por meio de expressões faciais, silêncios ou comportamentos comuns, que determinada/o estudante está enfrentando dificuldades emocionais. Ao invés de interpretar tais sinais como desinteresse ou indisciplina, a/o professora/or, mobilizando seu repertório empático e estético, cria condições para escuta, aproximação e acolhimento, garantindo o envolvimento e o bem-estar daquele/a aluno/a.

Além disso, a capacidade de regular suas próprias emoções diante de situações desafiadoras, como os conflitos em sala ou a resistência a determinados assuntos permite atuar com equilíbrio. Tais experiências mostram como a formação docente, quando atravessada por uma perspectiva estética e humanizadora, contribui para a construção do conhecimento imbricada com a formação de sujeitas/os sensíveis, atentas/os e eticamente comprometidos com o outro.

Por fim, o cuidado com as emoções configura-se como um componente essencial, para a construção de um ambiente de aprendizagem equilibrado e significativo. Assim, uma formação docente que integra os aspectos afetivo, cognitivo e emocional da empatia fortalece uma prática pedagógica humanizada, ética e sensível às necessidades das/os estudantes e dos/das próprios/as professores/as. Esse enfoque dialoga com a proposta de inserção da estética na formação docente, pois é, por meio de experiências estéticas que tais dimensões são potencializadas, tema que aprofundamos na seção a seguir.

### **3 Práticas reflexivas e estéticas na formação docente**



A incorporação da educação estética na formação docente compreende práticas que intensificam o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da escuta, elementos considerados necessários para a implementação de abordagens pedagógicas pautadas na sensibilidade e comprometida com o humano. Atividades como oficinas de arte, teatro, música e dança ampliam o repertório cultural das/os futuras/os professoras/es, bem como estimula a reflexão sobre a importância da expressão artística no processo de aprender e ensinar. Ao vivenciar essas experiências estéticas, as/os docentes desenvolvem habilidades de observação e interpretação, ao mesmo tempo em que fortalecem a empatia e a conexão emocional com suas/seus estudantes, aspectos fundamentais para a construção de relações pedagógicas significativas e sensíveis.

Ferreira, Aragão e Pucci (2022, p. 372) compreendem que a formação estética ativa a cognição, uma vez que a postura estética no cotidiano representa, também, uma atitude crítica e um posicionamento político diante da realidade. A formação sensível não se restringe a momentos isolados ou experiências artísticas pontuais, mas se manifesta nas interações diárias, ao fomentar uma educação transformadora, dialógica e conscientizadora. Estar atenta/o às sutilezas, conhecer-se e reconhecer no outro suas capacidades e limitações são movimentos para a constituição de uma docência comprometida com uma estética que não dissocia razão e emoção, pensamento e sensibilidade. Essa postura pode evitar a reprodução de práticas pedagógicas que silenciam, padronizam ou negam o direito à criação, à expressão e à pluralidade.

Entendemos que a conscientização acerca das nuances da experiência humana permite que a/o docente se torne um agente de mudança, capaz de inspirar e fomentar a criatividade e a reflexão crítica entre as/os estudantes. Segundo Silva (2020), a criatividade é uma potencialidade comum a todos os seres humanos, não sendo um dom, sendo desenvolvida por meio de estímulos adequados, interações sociais e processos de aprendizagem, além de ser vista como uma habilidade cognitiva que transcende a reprodução dos padrões convencionais.

É nessa perspectiva que compreendemos o potencial formativo da educação estética quando inserida na formação docente, por discutir sobre práticas pedagógicas sensíveis, reflexivas e conectadas à vida. Silva (2020, p. 63) afirma que “[a] trajetória da formação na profissão professor fundamenta-se na compreensão dos fenômenos sociais da/na relação humana com o conhecimento, nas vivências do cotidiano e do outro, sejam nas instituições de formação profissional ou com/nas próprias histórias de vida”. Essa compreensão amplia o sentido da formação, ao reconhecer que a construção do conhecimento não se dá de forma abstrata ou neutra, mas atravessada pelas





experiências pessoais, sociais e culturais de cada educadora/or. Assim, ao incorporar a educação estética nos processos formativos, possibilita-se que professoras/es articulem suas vivências com a dimensão cognitiva da docência, tornando o processo educativo responsivo à complexidade da vida.

Nesse contexto, educar para a estética demanda uma transformação na forma como as/os profissionais da educação pensam, percebem e se relacionam com o mundo ao seu redor. Essa mudança de perspectiva é fundamental para integrar a dimensão estética às práticas pedagógicas, com vistas a substituir abordagens formativas que se caracterizam por conteúdos que pouco ou nada acrescentam aos processos de ensino e aprendizagem. A adoção de métodos mecânicos e técnicos, centrados na repetição e na padronização, gera um descompasso entre os processos formativos e as motivações, interesses e singularidades das/os docentes, além de comprometer a potência criativa e afetiva de suas práticas educativas. Para Berkenbrock-Rosito (2014, p. 143-144),

[a] formação docente origina-se da narrativa de cada sujeito participante, de um mesmo grupo: durante a leitura do mesmo texto, surgem sentidos e significados decorrentes das diferentes experiências vivenciadas pelo indivíduo – seus diferentes papéis no decorrer da existência, como filho, aluno, amigo, irmão, etc.

A interação entre educadoras/es que trazem suas histórias para o ambiente formativo cria um espaço de aprendizagem colaborativo, no qual a interação de múltiplas perspectivas beneficia as discussões e a compreensão sobre as práticas pedagógicas. Esse diálogo entre diferentes narrativas pessoais contribui para a construção de conhecimento contextualizado, necessário para uma formação de educadoras/es sensíveis às realidades de suas/es alunas/os. Em última análise, a reflexão proposta por Berkenbrock-Rosito (2014) evidencia que a formação docente é um processo dinâmico e contínuo, no qual a valorização das histórias individuais fortalece a identidade profissional e o compromisso com uma educação conectada à vida e às necessidades das/os alunas/os.

Entendemos que a formação docente pode estar centrada na construção da identidade profissional, e, além disso, valorizar o compromisso com a educação e a aprendizagem contínua, com o intento de compreender o indivíduo no contexto escolar. É impossível permanecer indiferente às realidades sociais presentes nas salas de aula, onde a diversidade cultural se manifesta vez por outra de forma intensa. Essa consciência motiva o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas e sensíveis, capazes de acolher e valorizar a multiplicidade de experiências, histórias e identidades das/os professoras/es, bem como de suas/seus estudantes.



Ferreira (2020) destaca que, a formação docente, é um exercício contínuo de sensibilização que permita à/o professora/or mobilizar sua potencialidade de atuação no cotidiano escolar. Isso significa que é necessário sentir a escola, vivenciá-la, seja em torno de suas conquistas, desafios ou contradições. É fundamental que a/o docente se indigna diante do descaso e das injustiças quando elas ocorrem, mas também que se importe e se comprometa com práticas pedagógicas contextualizadas e adequadas às realidades vividas por seus/suas estudantes. Esse processo formativo de sensibilização tende a ampliar a percepção da/o educadora/or sobre seu papel social e ético, além de fortalecer sua capacidade de atuar como agente transformador, capaz de construir espaços de aprendizagem que acolhem as múltiplas dimensões humanas e culturais presentes na escola.

Atividades relacionadas à criação e à apreciação artística constituem dispositivos relevantes para a reflexão crítica acerca da prática pedagógica. Música, poesia, cinema, literatura, visitas a museus e a análise de obras de arte ampliam o repertório cultural das/os docentes em formação, e também ativam dimensões afetivas, éticas e imaginativas ao exercício da docência. A arte, por meio de suas metáforas, beneficia essa formação ao romper com a lógica da instrumentalização e do imediatismo. Ao provocar sensações, deslocamentos e reflexões, ela estimula a abertura ao novo, à escuta e ao olhar sensível sobre o mundo em que vivemos.

Perissé (2014) afirma que o dinamismo criador não é exclusivo do artista. A experiência de ler uma obra literária de qualidade, ouvir uma canção comovente, contemplar um desenho criativo, assistir a um bom filme ou acompanhar diálogos em uma peça teatral pode nos conduzir a uma compreensão sobre a realidade e sobre nós mesmos. Essa experiência estética, marcada por um modo lúdico e sensível de nos relacionarmos com o mundo, rompe com os reducionismos e os limites impostos por uma lógica puramente técnica ou instrumental. Pode, inclusive, despertar em nós um potencial criador adormecido.

Quando inseridas intencionalmente na formação docente, essas experiências favorecem o desenvolvimento da sensibilidade, mas também o estímulo a uma prática pedagógica ética e humanizadora. Assim, tem-se uma prática capaz de reconhecer as/os sujeitas/os com quem se constrói o processo educativo em sua dimensão social e cultural, acolhendo singularidades, histórias e modos de estar no mundo.

Acreditamos que uma formação docente que valorize a sensibilidade, a experiência e a percepção sejam fundamentais para ressignificar o olhar pedagógico e reinventar as formas de



aprender e ensinar. Segundo Ferreira (2020, p. 27), “[é] a estética que permite entender as relações formativas como atos de produção de sentidos, verdadeiros encontros entre pessoas, que prezam pela qualidade das relações possibilitadas.” Essa concepção coloca a estética como possibilidade para a criação de vínculos significativos, onde o encontro entre educadoras/es e estudantes se sustenta na escuta, no afeto e na abertura para o outro. Ao valorizar o potencial expressivo, sensível e simbólico das experiências humanas, a formação estética amplia a capacidade dos educadores de perceber nuances, reconhecer subjetividades e atuar com empatia.

Essas experiências podem incentivar as/os docentes a explorar outras possibilidades didáticas, conectadas com os desafios da contemporaneidade e com os modos plurais do ser e agir. Para isso, faz-se necessário que os programas de formação docente priorizem tessituras formativas que articulem estética e reflexão, rompendo com abordagens ligadas ao fazer. Ao integrar vivências artísticas, momentos de escuta sensível e práticas dialógicas, esses programas favorecem o desenvolvimento de uma sensibilidade pedagógica situada, crítica e inovadora, tornando possível a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a transformação social.

As reflexões ao longo desta seção, portanto, evidenciam que a educação estética na formação docente não se restringe ao campo das artes, mas possibilita a compreensão da docência como prática sensível, ética e relacional. Ao reconhecer as emoções e as histórias de vida como elementos formativos, contribuimos para a construção de práticas pedagógicas com escuta e afeto. Torna-se urgente repensar os modelos tradicionais de formação centrados na técnica e na normatividade, para que possamos construir percursos formativos dialógicos, abertos ao inacabamento e atentos à humanidade que habita as salas de aula.

## **Considerações Finais**

Ao longo da discussão, defendemos que a educação estética é relevante na formação de professoras/es da educação básica, pois, ao ancorar os processos formativos, integra dimensões sensíveis, críticas e reflexivas à constituição do saber, do fazer e do ser docente. Compreendida para além da noção de belo, a estética envolve percepção, escuta e sensibilidade, aspectos fundamentais para a construção das relações humanas no contexto escolar. Nesse sentido, ao refletirem sobre suas próprias emoções e percepções, as/os docentes podem desenvolver uma postura empática diante de suas/seus alunas/os, o que contribui para a criação de ambientes de aprendizagem acolhedores e



significativos. Além disso, esse movimento favorece o autoconhecimento, fortalecendo sua presença pedagógica e reafirmando a importância da sensibilidade como parte constitutiva da formação.

É importante reforçar que a estética na formação docente não deve ser compreendida como um adendo às metodologias tradicionais, mas como uma forma de resistência necessária às lógicas hegemônicas ainda presentes no ambiente educacional. Essa resistência se traduz em um convite à reflexão crítica e ao autoconhecimento, ao mesmo tempo em que possibilita reconhecer crenças e valores, requisitos importantes para o exercício de uma prática pedagógica ética, dialógica e comprometida com o humano. A educação estética, nesse sentido, constitui um percurso potente para a ressignificação da formação e da/o própria/o professora/or, ao vivenciar experiências que mobilizam percepção, escuta e diálogo.

A estética na formação docente também não se limita a atividades artísticas pontuais; elas devem ser compreendidas como parte de um processo contínuo de sensibilização e transformação. Ao vivenciarem experiências que contrapõem a lógica da produtividade e da automatização, as/os docentes são incentivadas/os a desenvolver competências como empatia, escuta ativa e conexão emocional com suas/seus alunas/os. Essa conexão é fundamental para a construção de ambientes educativos que respeitem e valorizem as singularidades.

Os entrelaçamentos entre educação estética e sensibilidade pedagógica na formação docente favorecem a unidade crítica de conceitos e práticas para além dos modelos formativos adotados pelas instituições de ensino da educação básica. Reconhecemos que essa abordagem pode ser potencializada por investigações teórico-práticas, como estudos empíricos, pesquisa-intervenção ou experiências formativas. Evidencia-se, assim, a materialidade da educação estética em diferentes contextos educacionais, ampliando o alcance e a continuidade das reflexões aqui desenvolvidas.

Entendemos, portanto, que, ao propor uma formação que integre sensibilidade e reflexão, abre-se espaço para o cultivo de uma postura crítica e humanizada entre as/os docentes, algo essencial para enfrentar as tensões e os desafios cotidianos da educação, transformando a sala de aula em um espaço de diálogo e aprendizagem colaborativa. A educação estética na formação docente deve ser compreendida como um compromisso permanente com a transformação social e a construção de uma educação humanizadora, por meio da valorização da sensibilidade e das experiências estéticas na formação de professoras/es, estimulando a reinvenção de sua atuação e contribuindo para uma educação de qualidade.



## Referências

- BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May. **A história escrita em retalhos: uma prática formativa de professores e pesquisadores à luz da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.
- FERREIRA, Luciana Haddad. **Educação estética e formação docente: narrativas, inspirações e conversas**. Curitiba: Appris, 2020.
- FERREIRA, Luciana Haddad; ARAGÃO, Ana Maria Falcão de; PUCCI, Renata Helena Pin. Experiência e sensibilidade: contribuições da educação estética para a formação docente continuada. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 19, n. 58, p. 366-384, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- NUNES, Denise Bacellar. Compreendendo os conceitos de empatia a partir de uma experiência pragmática em Competência em Informação (Coinfo): o Programa Jovens Talentos para a ciência da Universidade de Brasília – Unb. 2018. Disponível em: <http://seminariohispano-brasileiro.org.es/ocs/index.php/viishb/viishbucm/paper/viewFile/306/29>. Acesso em 12 jul. 2025.
- PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- SCHILLER, Fiedrich. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- SILVA, Mário Jorge Oliveira. **Itinerâncias formativas na e para a criatividade: experiências, aprendizagens e (re)construção de saberes na Universidade Federal de Sergipe**. 2020. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.